

QUINTA ALEGRE

RESTAURO, REABILITAÇÃO E
REINFRAESTRUTURAÇÃO DO PALÁCIO E JARDIM



vmsa

arquitectos

victor mestre | sofia aleixo

PRÉMIO VASCO VILALVA 2016 FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN



ÍNDICE ?

Projecto e Candidatura	5
Enquadramento Histórico	6
Intervenção no Palácio	6
Identidade e história	
Estado Anterior	
Critérios e metodologia	8
Técnicas e materiais	
Enquadramento da Quinta e Jardim	10
Intervenção no Jardim	12
Usufruto do Património Arquitectónico e Paisagístico	
O futuro na/da Quinta Alegre	14
Bibliografia	
Equipa Projectista	
Notas curriculares	



2014

PROJECTO

Restauro, Reabilitação e Reinfraestruturação do
Palácio e Jardim da Quinta Alegre

LOCAL

Quinta Alegre, Campo das Amoreiras, 94
1750-025 Lisboa

CARACTERISTICAS

Classificado como Imóvel de Interesse Público (1962)
Quinta do século XVII, com edifício e jardim do século XVIII
Dono de obra: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa
Uso: Unidade Social Intergeracional
Área bruta: 868 m² (Palácio) + 4536 m² (Jardins)
Intervenção: € 927.078,76
abril de 2016 a julho de 2017

CANDIDATURA

Coordenação

Victor Mestre e Sofia Aleixo, arquitectos
arquitectos e coordenadores do projecto de intervenção
Rua Gonçalo Nunes, 15 1400-185 Lisboa Portugal
Telefone: 00 351 21 301 78 49
mestre.aleixo@mail.telepac.pt www.vmsa-arquitectos.com

Textos

Victor Mestre | Sofia Aleixo, arquitetos
António Vasques
Luís Cabral
Alexandra Gago da Câmara e Teresa Campos Coelho

Registo Gráfico

Victor Mestre | Sofia Aleixo, arquitetos

Registo Fotográfico

Victor Mestre | Sofia Aleixo, arquitetos
Signinum
Direção-Geral do Património Cultural

Maqueta

Norigem

Design

Rafael Marques R_designglobal

Ano

outubro 2017

ENQUADRAMENTO HISTÓRICO:

Conhecida também pela Quinta dos Viscondes de Coruche, a Quinta Alegre foi mandada construir por Manuel Telles da Silva (1641-1709), 2º Conde de Villar Maior e **1º Marquês de Alegrete**, título com que foi agraciado por D. Pedro II em 1687. Filho de Fernando Telles da Silva, 1º Conde de Villar Maior pertenceu a uma das mais importantes casas aristocráticas do “Portugal Restaurado”, vindo a ocupar os mais altos cargos do Reino. Conhecedor da cultura erudita e cosmopolita da transição do século XVII para o século XVIII, homem de instrução humanista e gosto pela História, nascido no seio de uma família com uma vasta obra mecenática no campo das artes e um conhecido gosto pela arquitetura, seguiria essa mesma tradição, como se comprova no património edificado que deixou: o importante palácio na Mouraria e as Quintas das Lapas e Alegrete nos arredores de Lisboa.

Classificado como Imóvel de Interesse Público em 1962, este edifício e a sua envolvente de jardim e mata configura o exemplo de uma das mais requintadas quintas de recreio barrocas nos arredores de Lisboa. Embora muito alterada desde a 2ª metade do século XVIII e adaptando-se aos diversos rituais da vivência e sociabilidade, partilha algumas características com a contemporânea Quinta das Lapas: uma planta retangular com as mesmas proporções, cuja entrada se faz através de um pátio de honra situado num dos lados da fachada de menores dimensões, e uma mesma organização interna inicial, ainda perceptível, apesar das transformações posteriormente sofridas.

Comum às duas quintas é também o forte efeito cenográfico obtido pelo diálogo interior/exterior, potencializado pela abertura de vãos sobre o jardim em socalcos, e paisagem que se desfruta dos mesmos, e uma atenção redobrada dada ao programa decorativo (azulejos e pintura mural). Ainda hoje nos é dado de imediato a observar quer o grande pátio murado que antecede o acesso à casa revestido por um lambrim de azulejos onde se destacam 5 figuras de convite trajando indumentária masculina do século XVIII, quer a decoração do seu interior, representativa das alterações sofridas ao longo do tempo e do gosto dos seus proprietários.

Manuel Telles da Silva, foi certamente um homem do seu tempo, de bom gosto, conhecedor da cultura erudita e cosmopolita da época, assim se justificando nas marcas que deixa no seu património edificado: na escolha da construção do importante palácio na Mouraria, espaço que centrava todas as atenções da família, a Quinta das Lapas, local de veraneio nos arredores de Lisboa e nas obras da casa da Quinta Alegre na Charneca do Lumiar.

CRONOLOGIA

Séc. XVIII, 1ª metade
Por iniciativa de Manuel Telles da Silva, 2º Conde de Vilar Maior e 1º Marquês de Alegrete, inicia-se a construção do palácio e jardim

séc. XVIII, 2ª metade
Colocação dos painéis de azulejo no pátio e interior do palácio

1819, José Bento de Araújo, então proprietário da quinta, promove obras de remodelação estética a nível do exterior e interior, nomeadamente a substituição dos portões e execução das pinturas murais nas paredes e tetos interiores com motivos decorativos

1962, Decreto nº 44 452 de 05 Julho
1962 classifica a Quinta Alegre como Imóvel de Interesse Público (IIP)

1977, Decreto nº 129/77 de 29 Setembro esclarece sobre a abrangência dos elementos classificados: “o palácio, jardins e construções ou elementos decorativos nela existentes”

1983, SCML adquire, à sua última proprietária D. Ana Maria Telles da Silva, por compra, a quinta

1995, Elaboração de projeto de reabilitação e adaptação do palácio a Museu dos Jogos da SCML

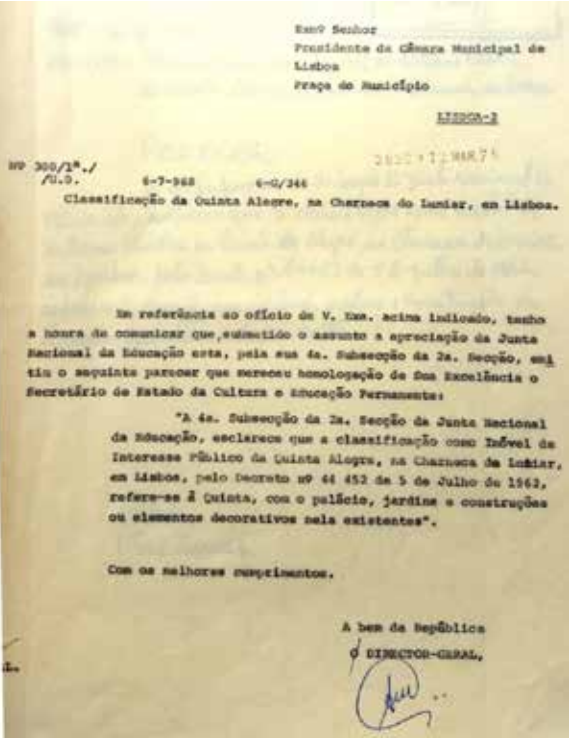
1996, Furto de alguns azulejos, nomeadamente das figuras de convite do pátio de aparato

até **2004**, Término de utilização como Centro de Formação Profissional da SCML

2007, Encontra-se o Palácio devoluto e, tal como o jardim, em acelerado processo de degradação; elaboração da primeira proposta da vmsa arquitetos para a utilização do Palácio como sala de visitas da SCML

2014, A nova direção na SCML propõe a instalação faseada de um programa funcional para a reabilitação da Quinta Alegre tendo como princípio orientador a habitação intergeracional

2017, Inauguração da Fase 1: Unidade Social instalada no Palácio e no Jardim da Quinta Alegre.



INTERVENÇÃO NO PALÁCIO

Identidade e História

A Quinta Alegre localiza-se na Charneca do Lumiar, na fronteira entre o concelho de Lisboa e o concelho de Loures, a oriente da cidade de Lisboa. Esta antiga propriedade rural integrava-se numa pequena localidade formada por edifícios principais de quinta, alguns edifícios de menor escala e importância social, implantados junto aos caminhos, formando pequenas bandas. A Igreja da Charneca define o espaço central, sócio religioso do aglomerado, e ordena o espaço amplo e, de certa forma, disperso característico de um núcleo que se foi formando espontaneamente. O imenso terreiro, conhecido pelo Campo das Amoreiras, durante algum tempo campo de feira, de indefinida geometria, acentuava esta morfologia campestre, muito comum aos espaços rurais. O seu tratamento paisagístico actual recaracterizou-o enquanto espaço lúdico urbano.

Este aglomerado integrava-se num cordão de pequenas aldeias que rodeavam Lisboa no seu perímetro Norte até ao princípio do século XX. Eram locais distantes do centro da cidade, arejados, com muita água e constituíam refúgios bucólicos ao estio da nobreza e fidalguia lisboeta que se retirava para repouso e divertimento. São várias as Quintas e respectivos Palácios que ainda hoje permanecem, quase sempre reduzidos nas cercas e nos edifícios de acompanhamento, de que destacamos: do século XVII - Palácio Marquês de Fronteira (Benfica); do século XVIII - Quinta dos Azulejos (Paço do Lumiar) e a Quinta do Marquês de Angeja (actual Museu Nacional do Traje, Lumiar); e da transição para o século XIX, a Quinta do Conde de Sarzedas (Palhavã).

A Quinta Alegre será um exemplo excepcional do romantismo aristocrático lisboeta. A casa nobre, ou Palácio como ficou conhecida, revela-nos uma expressão contida, mas harmoniosa conferida pelo acerto de escala o ritmo constante dos vãos emoldurados pela métrica das pilastras que definem planos arquitectónicos e uma esclarecida tipologia. Trata-se efectivamente de um edifício que sintetiza a arquitectura habitacional do século XVIII, pela erudição explícita na solução espacial, na elegância da expressão formal, no conforto conferido pelos requintados estuques e respectivas pinturas.

O testemunho histórico da vida social neste Palácio, que recebia a sociedade urbana que se deslocava nas suas recentes e modernas viaturas automóveis, para momentos de fuga da monotonia que o

progresso tinha trazido à cidade, ficou registado nos clichés do fotógrafo Joshua Benoliel (1873-1932) na reportagem “Uma ‘garden party’ na Quinta Alegre” publicada na Ilustração Portuguesa, registada por Joshua Benoliel em 1908

Funcionalmente a casa responde enquanto um todo homogéneo. Ao pátio de aparato, sucede um átrio de grande sobriedade que entendemos como a continuação natural do exterior, onde se aguardava pela charrete protegido da intempérie, ao nível do piso térreo, constituindo um espaço de transição quase um “alpendre” interiorizado como que assimilado na casa. O acesso ao piso superior integra-se num plano recolhido, por via de um segundo átrio, este já “dentro de casa” hierarquizando os pisos, atribuindo nobreza ao percurso ascensional por via da luminosa escada cuja janela surge dissimulada como se de um compartimento se tratasse, na leitura exterior da fachada Sul. Esta subtilidade poderá indicar uma evolução significativa no posicionamento da escada nobre que se incorpora na métrica reguladora da espacialidade, ou seja, não constitui um acontecimento excepcional no conjunto da espacialidade, antes representa uma síntese funcional levada a um limite de contenção cujo equilíbrio expressivo é conferido pelo conjunto de cantaria, dos azulejos e dos estuques. O piso térreo, lajeado no corredor e compartimentos virados a Sul e Poente, funciona como piso “técnico” onde se localiza a cozinha e salas de apoio. Também esta situação se revela inovadora pela integração da cozinha no volume da casa, servida por um segundo pátio com porta de serviço integrada no muro, com ligação directa para a rua. Trata-se de uma tipologia “compacta” sem apoio de construções anexas. Foi projectada enquanto uma unidade funcional que não admite novas adições. A sua integridade e individualidade serão os seus maiores atributos enquanto base projectual. A escolha da sua localização em cota elevada exposta ao quadrante Nascente/Sul, permite desfrutar de uma vista ímpar para o Mar da Palha, hoje quase integralmente interrompida pelo aeroporto e pelo crescimento da cidade. O suave declive para Sul permitia uma leitura do território excepcional onde pontuavam outros edifícios de Quintas ligados por azinhagas e estradas rurais. Esta casa antevê praticamente o seu uso original até à contemporaneidade, apenas interrompida pela ocupação de uma Escola Profissional num curto período, encontrando-se na actualidade devoluta. A casa sofreu algum desgaste face à alteração de uso, bem como o estado devoluto que antecedeu esta última ocupação que terá originado um processo de degradação e de delapidação com roubo de azulejos e cantarias. Tal não evoluiu para a sua perca total por via da rápida actuação da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, instituição actual proprietária da Quinta Alegre.



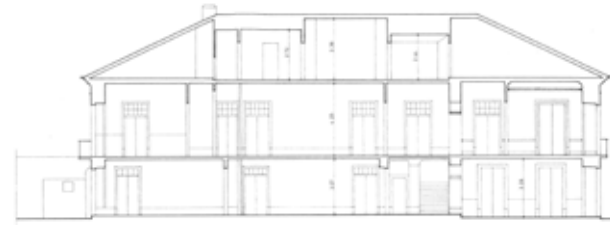
Estado Anterior

Em 2007 o estado da casa nobre revelou-nos a estabilização do processo de degradação dos últimos anos. O facto de a cobertura se manter estanque contribuiu para contrariar a evolução das anomalias acentuadas pela entrada de águas pluviais, de onde se destaca a podridão dos madeiramentos, principalmente junto à entrega dos barrote estruturais de pavimentos, tectos e armações da cobertura às paredes, os fungos, líquenes, cogumelos e outros elementos parasitários que atacam a madeira e os estuques integrados em suporte de fasquiado. Também algum ataque de xilófagos era visível nos madeiramentos ainda que estabilizado.

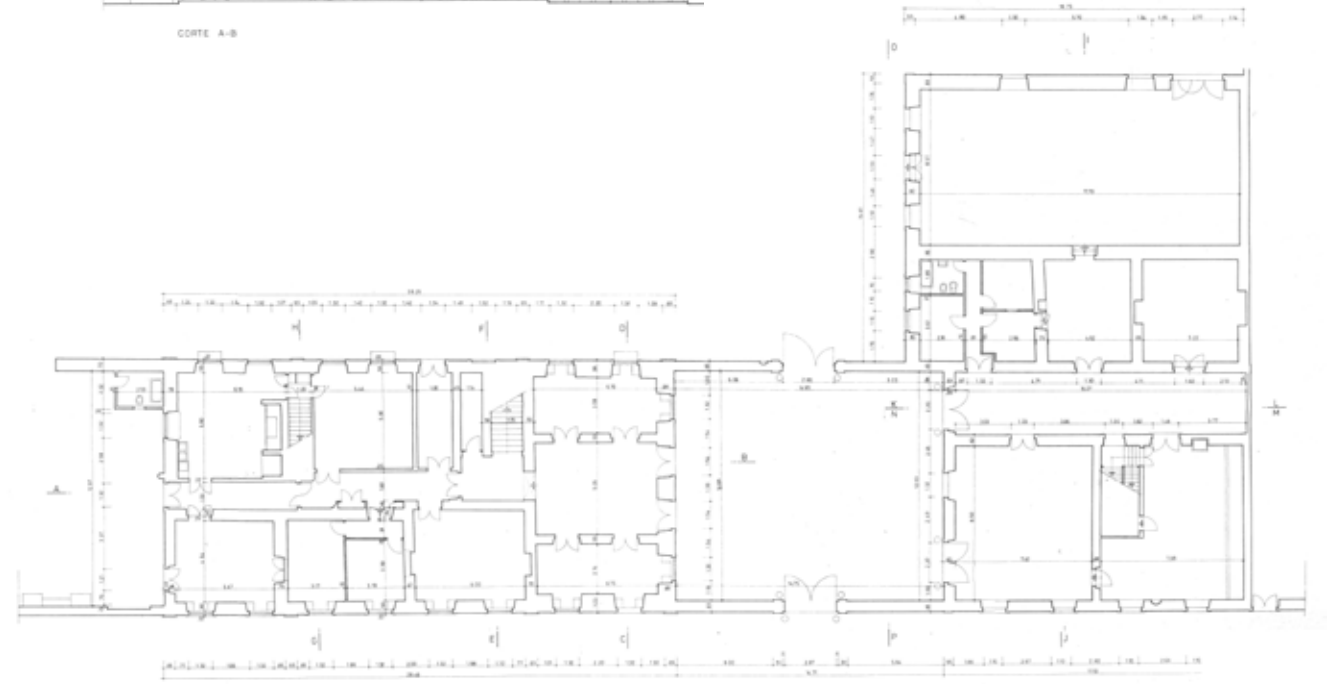
Em termos estruturais o edifício apresentava uma constituição sólida de grande qualidade sem assentamentos ao nível das fundações, paredes isentas de fissuração, padieiras de vãos intactas bem como cornijas estáveis sem quebras ou fissuração. Atribuímos este facto à boa execução e selecção dos materiais que incorporaram a sua edificação, de que destacamos

a cobertura, sobretudo no pavimento do sótão, onde os madeiramentos apresentavam um curto espaçamento entre barrote e generosa secção, constituindo assim uma sólida construção. Toda a construção revelava ter sido concebida com um cuidado projecto e adequados recursos financeiros. Tratava-se de um “sólido” edifício que denotava uma grande capacidade física e funcional para retomar um novo ciclo de utilização.





CORTE A-B



Degradação e anomalias

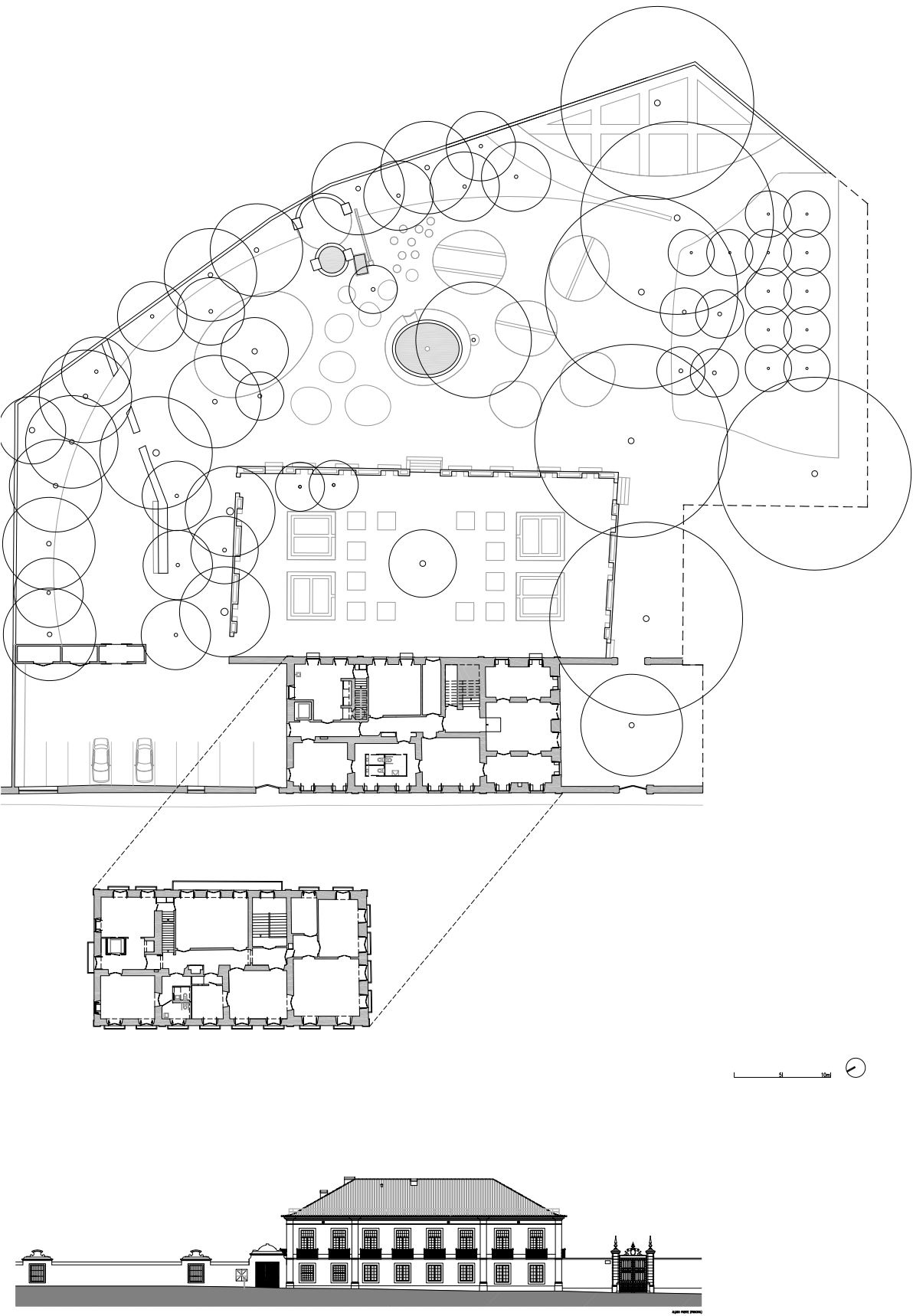
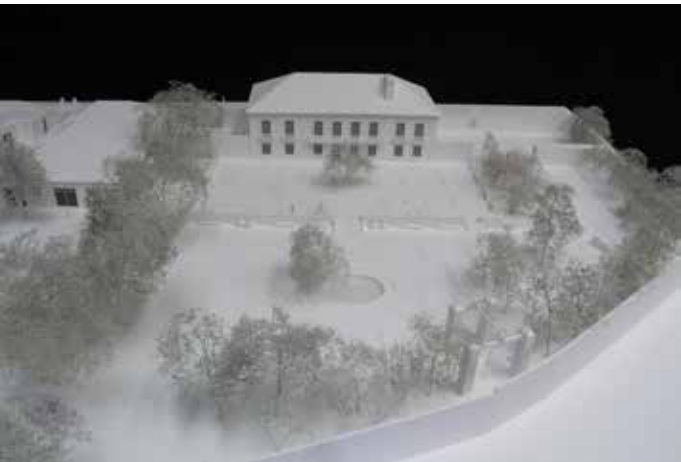
No geral as alterações mais evidentes são: a degradação profunda de argamassas exteriores de revestimento; a degradação de juntas de alvenaria; a deficiente aplicação de argamassas, não compatíveis com suporte e materiais adjacentes; a presença de colonizações biológicas e de manchas negras (hidrocarbonetos); a degradação de elementos metálicos, gradeamentos, dobradiças, ligações, etc.; a degradação de parte dos elementos em madeira, pavimentos, rodapés, e sobretudo elementos funcionais (portas, janelas); a desconsolidação estrutural e ornamental de tectos e paramentos em estuque decorado, acompanhado de algumas alterações das estruturas de suporte: degradações profundas de acabamentos pictóricos, quer na pintura mural quer nas pinturas decorativas, a existência de grandes lacunas, desconsolidação, sujidades, microorganismos, aplicação deficiente de tintas, etc.; faltas consideráveis nas superfícies azulejadas; aplicação deficiente de azulejos; pinturas inadequadas; e pavimentos inadequados.

Critérios e metodologias

A definição de critérios e de uma metodologia de intervenção requer um conhecimento cuidado sobre o estado de conservação do imóvel, nas suas vertentes espaciais, formais e materiais. Foi identificado que, apesar da degradação, o edifício apresenta ainda uma clara imagem do que o caracterizava outrora. O seu enceramento em 2004, as anteriores utilizações pouco cuidadas, o vandalismo, etc, contribuíram entretanto para a aceleração do processo de degradação física dos espaços. A contínua acção de factores de degradação originou modificação das qualidades padrão dos materiais constituintes e das estruturas construtivas e ornamentais.

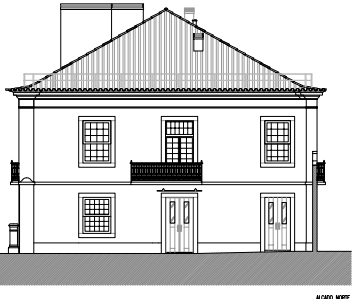
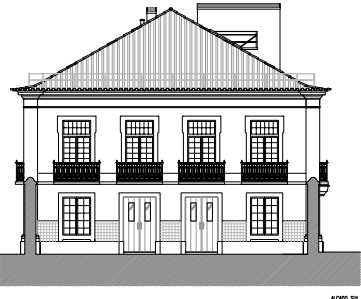
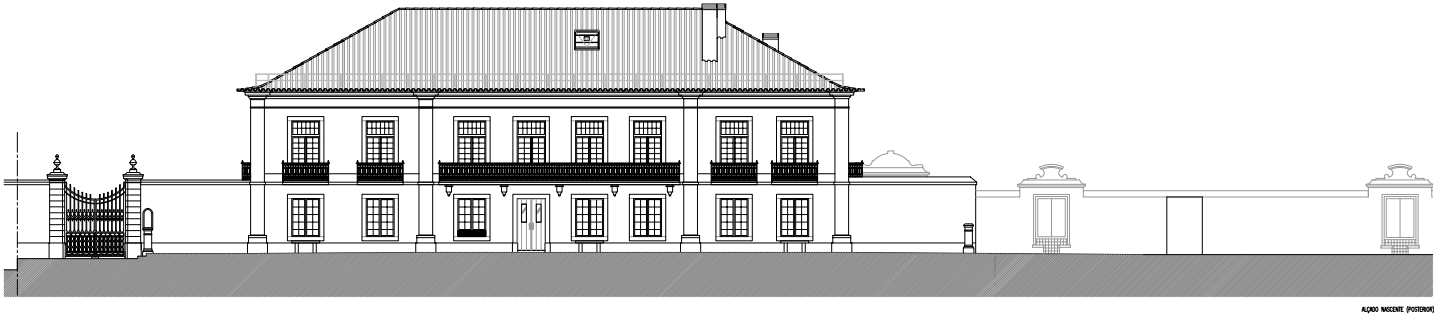
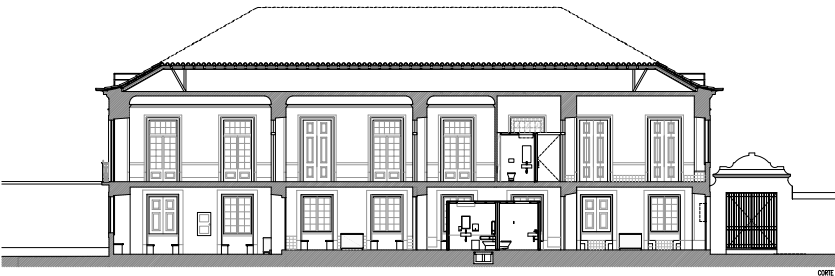
Ao se restaurar para um novo período de utilização, a abordagem patrimonial desenvolvida para a globalidade da Quinta Alegre decorreu, numa primeira fase, da valorização da casa nobre no sentido de a preservar integralmente na sua identidade arquitectónica e expressão artística. De igual forma, se considerou essencial a manutenção do seu estreito relacionamento com e no contexto das construções agrícolas próximas e confinantes, incluindo o enquadramento com a memória paisagística do pátio de receber e patamar onde outrora existiu um jardim formal. Deste modo, o projecto estruturou-se de acordo com critérios que compõem o conceito ético de intervenção mínima limitando a intervenção ao indispensável para a manutenção, integridade, durabilidade e acessibilidade dos materiais primeiros, definindo zonas de sacrifício de impacto mínimo enquanto acolhendo o programa funcional previsto. O património integrado foi condicionante das opções de intervenção, exigindo uma resposta cuidadosa e respeitadora dos valores em presença.

Naturalmente o projecto atendeu também à regulamentação em vigor, tendo-se procurado enquadrar o impacto da legislação aplicável ao contexto patrimonial em presença. Refiram-se as diligências efectuadas no âmbito patrimonial, com a execução de sondagens arqueológicas como requerido pela sua classificação patrimonial de IIP, e acompanhadas pela Direcção-Geral do Património Cultural, as medidas exigidas pela vertente da segurança, de que se destacam as de protecção e combate a incêndios, e ainda a acessibilidade, assegurada nos percursos horizontais e verticais, com o nivelamento das cotas de pavimentos exteriores às respectivas soleiras das entradas do edifício, e a integração de um elevador para acesso ao piso 1 por pessoas com mobilidade reduzida.



Considerando as recomendações internacionais bem como as boas práticas em intervenção de restauro, reabilitação e reinfraestruturação, a metodologia de intervenção adoptada para o palácio e jardim apoiou-se numa cuidada abordagem ao estado de conservação do edificado e da unidade paisagística. Após a identificação e caracterização das anomalias que afectavam os elementos decorativos, efectuou-se o registo em fichas de levantamento, sala a sala, dos materiais e técnicas em presença.

Da mesma forma se procedeu ao levantamento topográfico dos espaços envolventes, de modo a permitir uma leitura global da unidade paisagística composta pelos elementos vegetais mas também de todos os elementos construídos como muros, muretes com conversadeiras, portões e respectivas colunas, o lago em cantaria, nora e respectivos tanques e canais, bem como outros elementos.



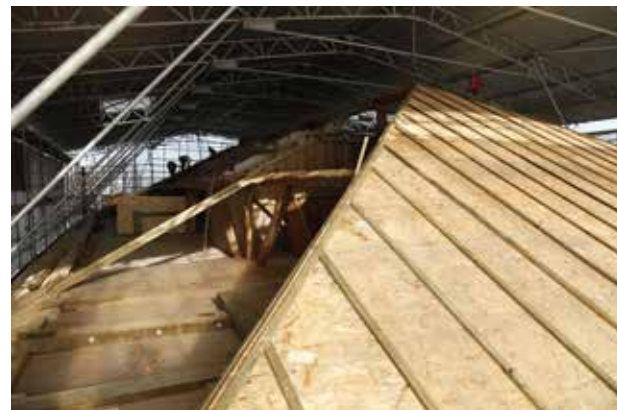
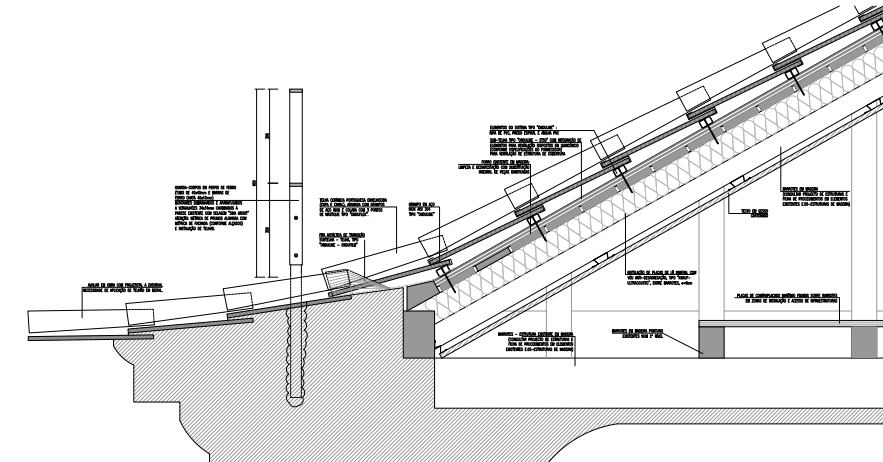
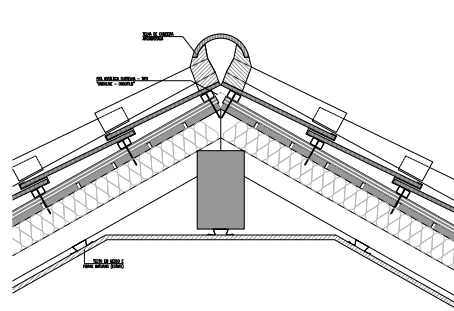
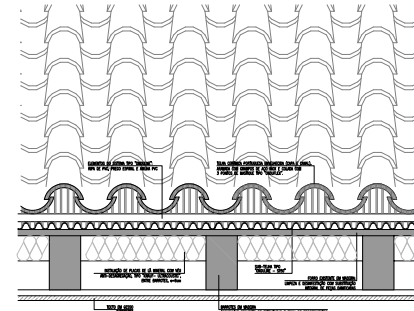
Técnicas e Materiais

Face à evidente qualidade construtiva, decorativa e arquitectónica em presença, foi delineada uma metodologia intervenção de valor correspondente, nomeadamente utilizando um número restrito e criterioso de técnicas e materiais compatíveis com os existentes. Das diversas técnicas construtivas e artes decorativas, destacam-se: os estuques, a pintura mural, as pinturas decorativas, a azulejaria, as marcenarias, as alvenarias, as cantarias, as carpintarias, e todos as técnicas aplicadas no jardim. O projecto definiu técnicas de conservação e restauro deste património integrado que apresentava distintos graus de degradação e de instabilidade física, dependendo dos respectivos estados de progressão das anomalias, quer nos suportes, quer nas próprias identidades artísticas, como por exemplo em azulejos e estuques decorativos. De igual forma se optou pela adaptação da caixilharia existente a vidro com características térmicas. Como já referido, a intervenção, que responde a necessidades de uso específicas e contemporâneas, obedece a critérios que procuram garantir os melhores resultados no respeito pela integridade e autenticidade dos elementos construtivos e artísticos respeitando e mantendo os materiais originais. Os usos previstos, e agora possíveis, nos compartimentos da casa são: uma sala de chá com o apoio de uma copa na antiga cozinha, salas de leitura, uma sala multimédia, uma sala de jogos (cartas e de tabuleiro), uma biblioteca e as outras salas de estar e de actividades diversas. A definição de uma solução sensível de infra-estruturação adequada as estas actividades e adaptada aos valores patrimoniais foi determinante. As soluções técnicas definidas para a implementação das características ambientais necessárias a estes usos, foram baseadas na definição de localização de áreas mínimas de sacrifício do edifício e na utilização de equipamentos que implicassem o mínimo impacto visual.



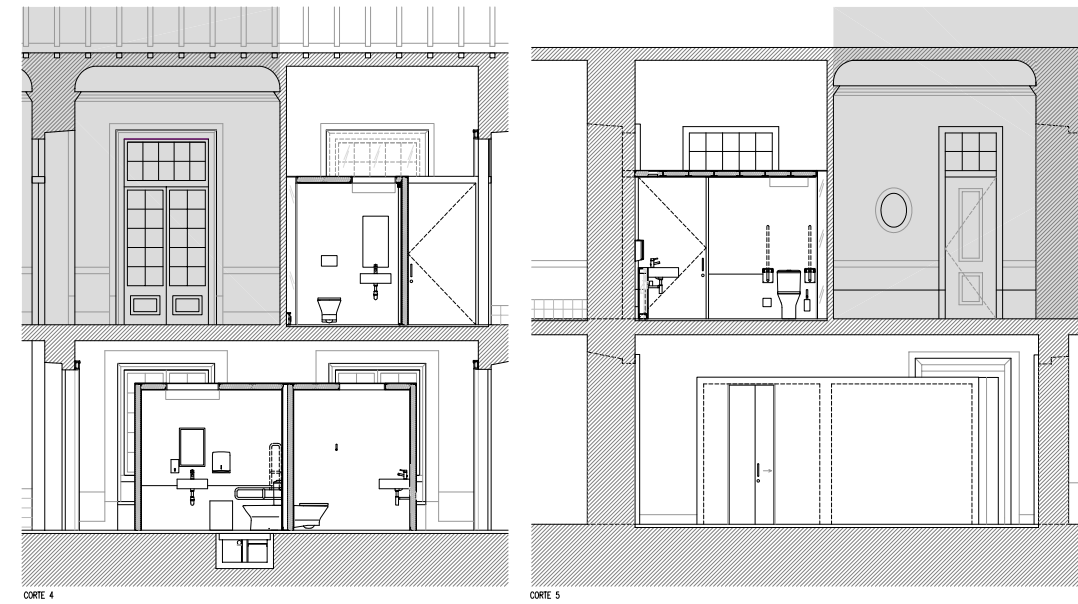
Como opção estratégica, foi contemplada a construção de uma área técnica anexa, no exterior, onde foram integradas todas as ligações aos concessionários dos diversos serviços, como Electricidade, Comunicações e Gás, bem como os equipamentos exteriores de AVAC. No edifício procuraram-se soluções subtis, nomeadamente nas opções de ocultação da rede eléctrica, revelando-se apenas nos volumes que resultaram da implantação de sanitários nos dois pisos. A localização deste uso foi estratégica na solução de concentração das infra-estruturas em vala no pavimento térreo, que assim integra as redes técnicas sem prejuízo das artes decorativas que revestem paredes e tectos. Da mesma forma, as instalações eléctricas e de comunicações utilizaram ductos de passagem para condutas e cabos, de forma oculta, recorrendo a aparelhagens integradas em rodapés e alisares. Foi determinante a definição de iluminação ‘de pé’, determinante no piso nobre, situação que permite não afectar o programa decorativo dos paramento e dos tectos, bem como a opção de climatização que utilizou unidades interiores próprias, integradas em mobiliário desenhado especificamente pela Arquitectura.



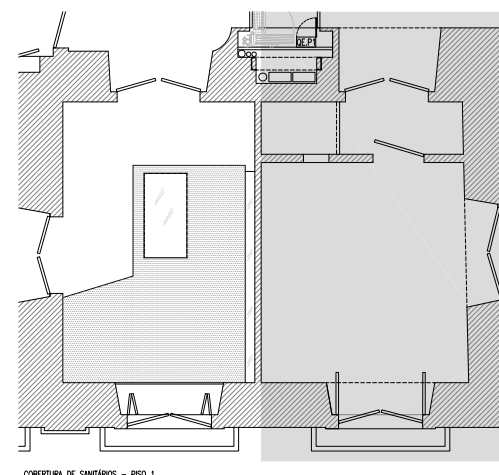
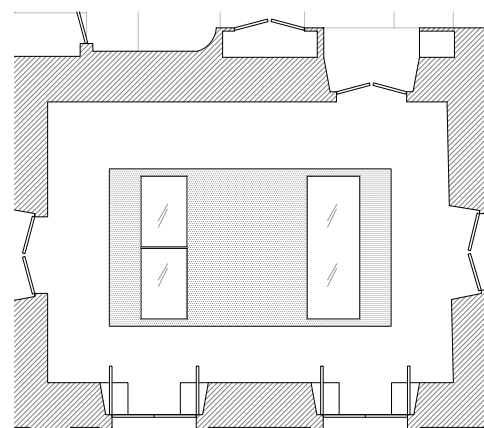
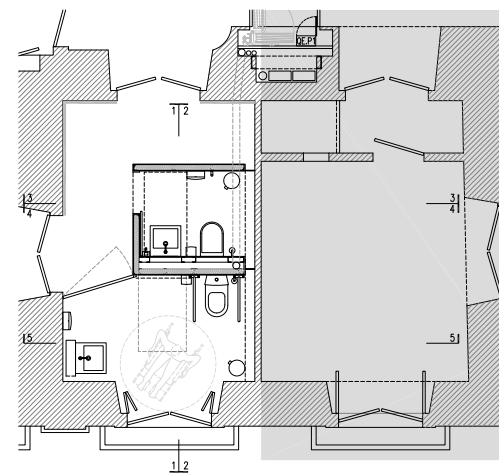
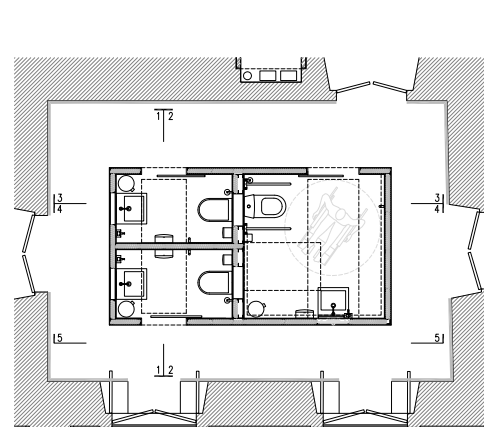




24



25



ENQUADRAMENTO DA QUINTA E JARDIM

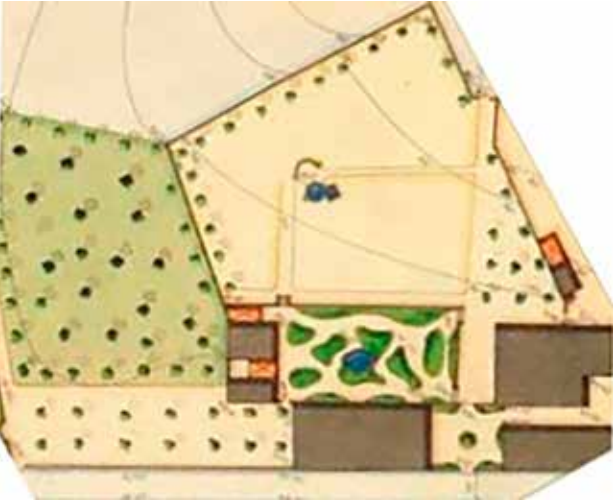
A Quinta Alegre encontra-se dentro da tipologia das Quintas de Recreio, unidade marcada por espaços exteriores e edifícios com carácter simultaneamente lúdico e produtivo. Foi iniciada no Séc. XVIII, e teve diversas alterações ao longo do tempo, sobretudo na redução da área da propriedade, nomeadamente para construção do aeroporto, e na alteração profunda do jardim entre 1910 e 1950.

A primeira versão do jardim, pátios e horta terá sido construída na primeira metade do século XVIII por iniciativa de Manuel Telles da Silva, 1º Marquês de Alegrete. Deste período segundo diversos autores podem-se identificar como elementos originários desta época, período joanino, os belíssimos painéis de azulejos barrocos do pátio de entrada, ou “Patio de Aparato”, com “figuras de convite” à escala, um dos elementos patrimoniais mais importantes no exterior e aspecto fundamental na posterior classificação patrimonial.

O traçado do jardim romântico do início do século XX era coerente com a distribuição da casa principal, e com a relação que tinha com o jardim. Este era lúdico, espacialmente contido na proximidade da habitação e com carácter intimista, capaz de satisfazer os eventos sociais e familiares, e nas vertentes produtivas era completado com as culturas agrícolas envolventes. Nesta época, o traçado era certamente conforme está indicado na planta da cartografia de Lisboa de 1906, com um jardim romântico junto ao palacete a envolver o belo tanque elíptico.

A grande alteração do jardim decorre entre 1909 e 1950, com a passagem do tanque elíptico para o socalco inferior, a remodelação dos canteiros para um traçado de cariz neo-clássico e a delimitação do patamar junto à casa com conversadeiras forradas a azulejo, composto por painéis incompletos e muretes deficientemente construídos, no que às boas práticas da construção à época dizia respeito, sobretudo tendo em conta a qualidade dos azulejos. O jardim foi ampliado para o patamar inferior com um traçado neo-romântico de que não restaram quaisquer elementos construídos ou plantados, nem imagens (do jardim de traçado pobre e regular do patamar superior também quase só restaram imagens do proprietário quando terminou a obra e pequenos troços de muros de alvenaria). O proprietário fez na década de 1950 grandes alterações no jardim e procurou melhorar o estatuto da Quinta Alegre, propondo ao estado a sua classificação, apresentando

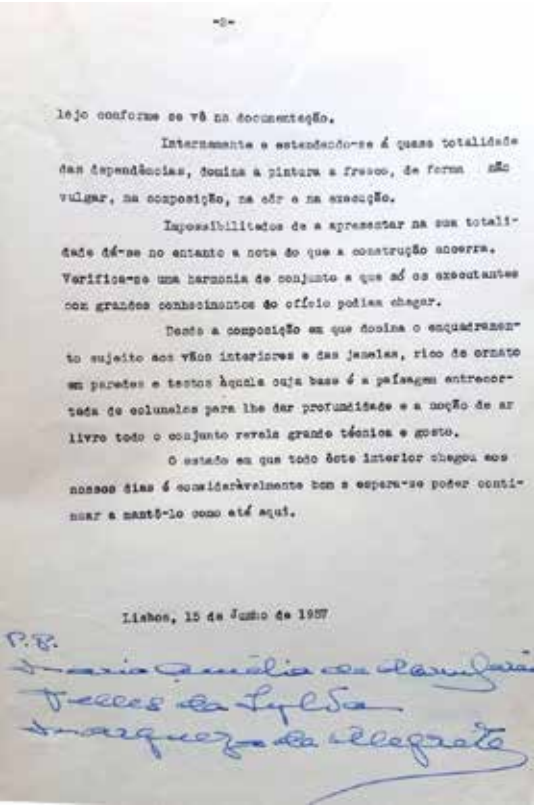
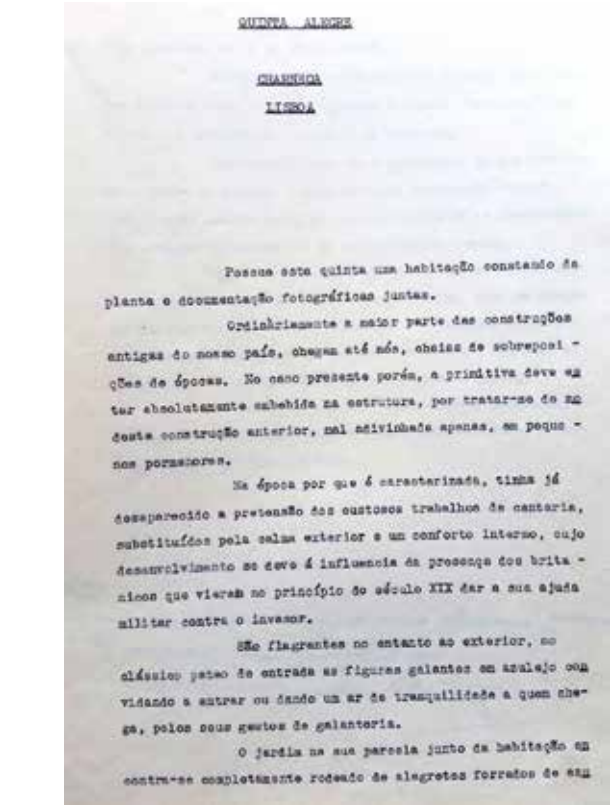
diversos documentos para justificar a sua promoção a património nacional. A reduzida dimensão do espaço exterior, jardim e não só, da Quinta Alegre de hoje compromete a intervenção em duas medidas. Em primeiro lugar na medida em que o espaço exterior serve de protecção e enquadramento do edifício face à envolvente, em segundo lugar na medida em que ele próprio, parte integrante do imóvel, se encontra amputado.



1906



1950



INTERVENÇÃO NO JARDIM

No Programa e Organização de Espaços elaborado pela Santa Casa da Misericórdia, é apresentado como objectivo para a intervenção no jardim que este: “(...) deverá ser considerado enquanto centro lúdico e de actividades (tais como tai chi, jardinagem, horticultura, produção de chás caseiros, circuitos de manutenção, entre outros) promovendo a vivência exterior e actividades físicas, que se pretende promover uma relação intergeracional entre os idosos e jovens, e que o espaço permita eventos culturais, música, teatro ou outros”.

- A proposta que se apresentou procurou responder ao programa em paralelo com a valorização do património existente, sobretudo:
- a) Os elementos preponderantes patrimoniais e que levaram à classificação da Quinta Alegre, de que se destaca: o conjunto, as pinturas interiores e azulejos de figura do pátio de aparato. Daqui, há que ter em conta que a propriedade continha, à data, matas, terrenos agrícolas, pomar e horta, áreas complementares do jardim que depois foram vendidas ou expropriadas.
 - b) Os elementos do séc. XVIII, recuperação da nora e poço, bem como dos magníficos engenhos e veios sobre os pilares do poço e nora.

Na restante área do jardim um traçado integra as leituras históricas, do seguinte modo:
O restauro - para os elementos primordiais, nomeadamente figuras de convite, pavimento e elementos construídos do pátio de aparato.
A recuperação – para os jardins dos diferentes patamares, propôs-se a utilização um traçado que permita as leituras históricas, sem mimetizar de uma cartografia à escala 1/1.000 da década de 1950, de uma das fases que até é a menos singular e cujo traçado-tipo foi vulgarizado por inúmeros testemunhos duma época em que se reconfiguraram tantos jardins históricos do mesmo modo.

Foi ainda importante que o espaço no seu conjunto tivesse uma coerência estética e leitura de conjunto a entender neste novo traçado, pelo que as formas são simples (dentro das leituras e conceitos anteriores) e discretas, com intenção de não ofuscar os elementos restaurados e recuperados.

Deste modo, foi forçosa a nossa interpretação e que os sentidos de tempo e espaço fossem evocados segundo as épocas históricas, pelo que foi introduzida a composição

ortogonal, regular e simétrica no patamar superior, bem como uma composição de leitura romântica para o troço de dimensão semelhante do patamar inferior. Neste espaço, os canteiros inscritos no “saibro” ou pavimento dominante à base de gravilhas apresentam formas ovais, mas a sua dimensão e disposição permite inscrever a organicidade do carácter romântico pretendido.

No patamar superior, foram recuperadas as conversadeiras no seu traçado original. A falta de azulejos levou a definir que a restante área de painéis fosse preenchida com azulejos brancos, ou seja rebocada e pintada. Os canteiros deste jardim são quadrados. Os maiores, com cerca de 5 metros de lado, apresentam um rebordo em murta, espécie aromática muito empregue em topiária. No seu interior, ficou a alfazema, que tem menor porte e uma clara distinção cromática. Os canteiros quadrados de menor dimensão têm cerca de 1,80m de lado, e são também de murta.

No jardim inferior o tanque foi recuperado, com circulação de água, e envolvido por um canteiro de murta relativamente baixo que permite a sensação de fresco causada pelo repuxo, mas evita a aproximação dos utentes. Os arbustos densos inibirão assim a aproximação. Os canteiros são dispostos consoante a escala do conjunto, e compostos por espécies para produção de chás caseiros, com plantas arbustivas e herbáceas de belo efeito estético, que plantadas densamente e aparadas de acordo com o seu porte e leitura do conjunto, poderão manter bom aspecto o ano todo. A extracção de folhas e partes dos caules foi feita de acordo com o efeito estético que se pretendeu para o jardim. Os muretes das conversadeiras foram rebocados e caiados ou pintados na face exterior, e no patamar de baixo têm adossados uns bancos capeados a pedra, como as conversadeiras existentes, e voltados para o jardim romântico.

A área de horta e pomar para as actividades solicitadas pela da SCML foi localizada na extrema Sul, próximo do local onde está em obra o novo edifício de alojamento. O pomar que se pretende diversificado, desde os citrinos, as ameixeiras, romãzeiras e outras, ocupa o talhão ao lado. Este espaço de carácter mais produtivo ocupa a única área com sol disponível. A prática do Tai-chi, os aparelhos de ginástica, bem como o circuito de manutenção, faz-se nas áreas de jardim e nos percursos envolventes, sob as árvores. Na faixa de terreno diante do jardim na direcção do aeroporto foram plantadas caducifólias, entre as quais tílias que fazem parte das requeridas no programa de produção de chá. Do lado Norte, uma mata de árvores perenifólias diversas faz o enquadramento do viaduto. Todas as outras árvores existentes em bom estado foram mantidas, na mesma lógica da recuperação dos elementos construídos existentes já referidos.





USUFRUTO DO PATRIMÓNIO ARQUITECTÓNICO E PAISAGÍSTICO

As funções da Quinta de Recreio, como um espaço de acolhimento e recepção do século XVIII, regressam no século XXI com espaços lúdico-recreativos, abertos à comunidade, no Palácio e no Jardim. O reaproximar ao programa original da Quinta, retomando as funções originais, mantendo uma componente cénica onde uma grande sala de estar proporciona uma adequada a intimidade e austeridade exterior, permite o retomar destas actividades. Aqui, o Jardim complementar as actividades a desenvolver no edifício e seus espaços interiores, contribuindo para que este conjunto de afirme como um importante espaço de encontro, reunião e convívio. Como memória da identidade do conjunto, foi mantida a vertente produtiva, numa escala apropriada aos novos usos, bem como o restauro das construções hidráulicas, o tanque o poço e a nora, que poderão ser entendidos como configurando uma abordagem do tipo museológico, mas numa dimensão viva e dinâmica.

Esta encontra estreita ligação à estratégia de restauro profundamente associada ao sentido programático e à recreação de ambientes coerentes com o edifício. Isto é, o espaço exterior transformou-se dando resposta aos desafios colocados pela casa nobre e os seus novos usos, bem como aos usos complementares que estão previstos, e em implementação nos terrenos anexos da Quinta. O restauro cuidado do pátio cénico, de transição entre o público e o privado, e a criação do jardim com a profusão decorativa histórica compatível com as edificações, convidam a estar, usufruir, e entrar numa casa nobre centenária que, após a intervenção, oferece o conforto e as tecnologias do tempo contemporâneo, num ambiente cultural único que assim pode agora ser devolvido à estima pública.



Após a intervenção de conservação, restauro e reinfraestruturação, o Palácio e Jardim proporcionam actividades culturais e lúdico-recreativas, e encontram-se abertos ao público. A SCML disponibiliza, mediante marcação prévia, visitas orientadas à exposição "Quinta Alegre: de pessoas para pessoas" onde se dá a conhecer todo o processo de projecto, de obra e de faseamento (Fase 2 actualmente em obra) para a implementação do complexo habitacional intergeracional da Quinta Alegre.

Marcações/informações: Serviço de Públicos e Desenvolvimento Cultural, Direção da Cultura da SCML
Tel. 213 240 869/889

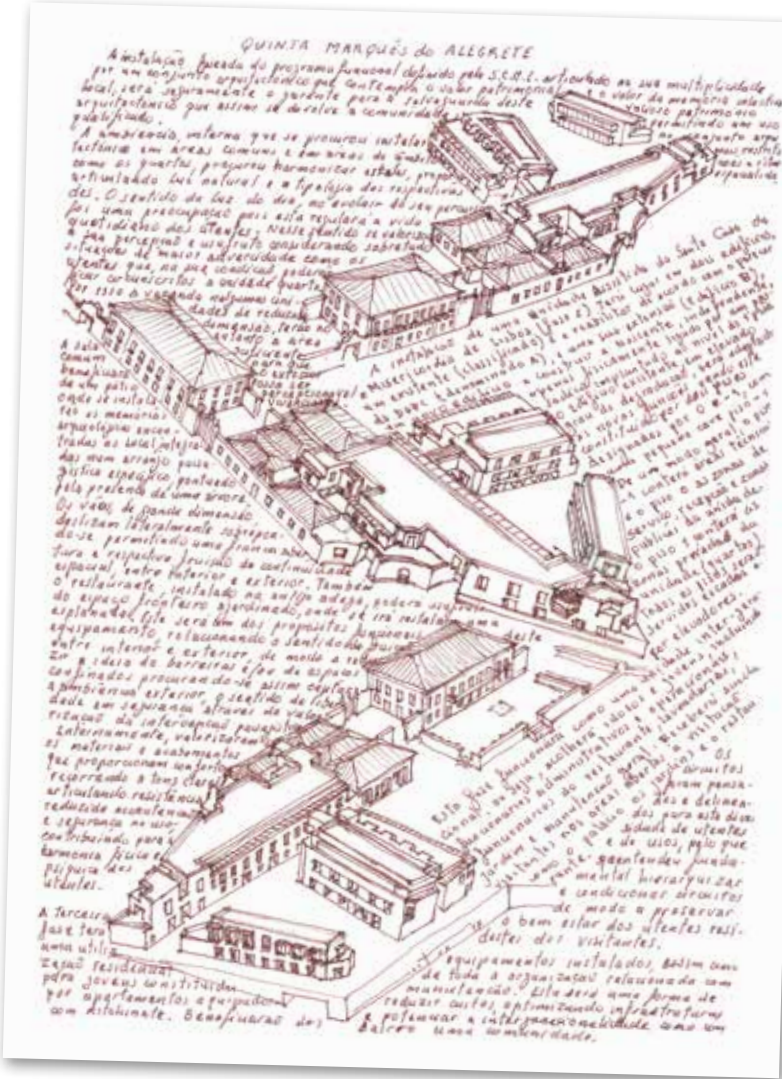


O FUTURO NA/DA QUINTA ALEGRE

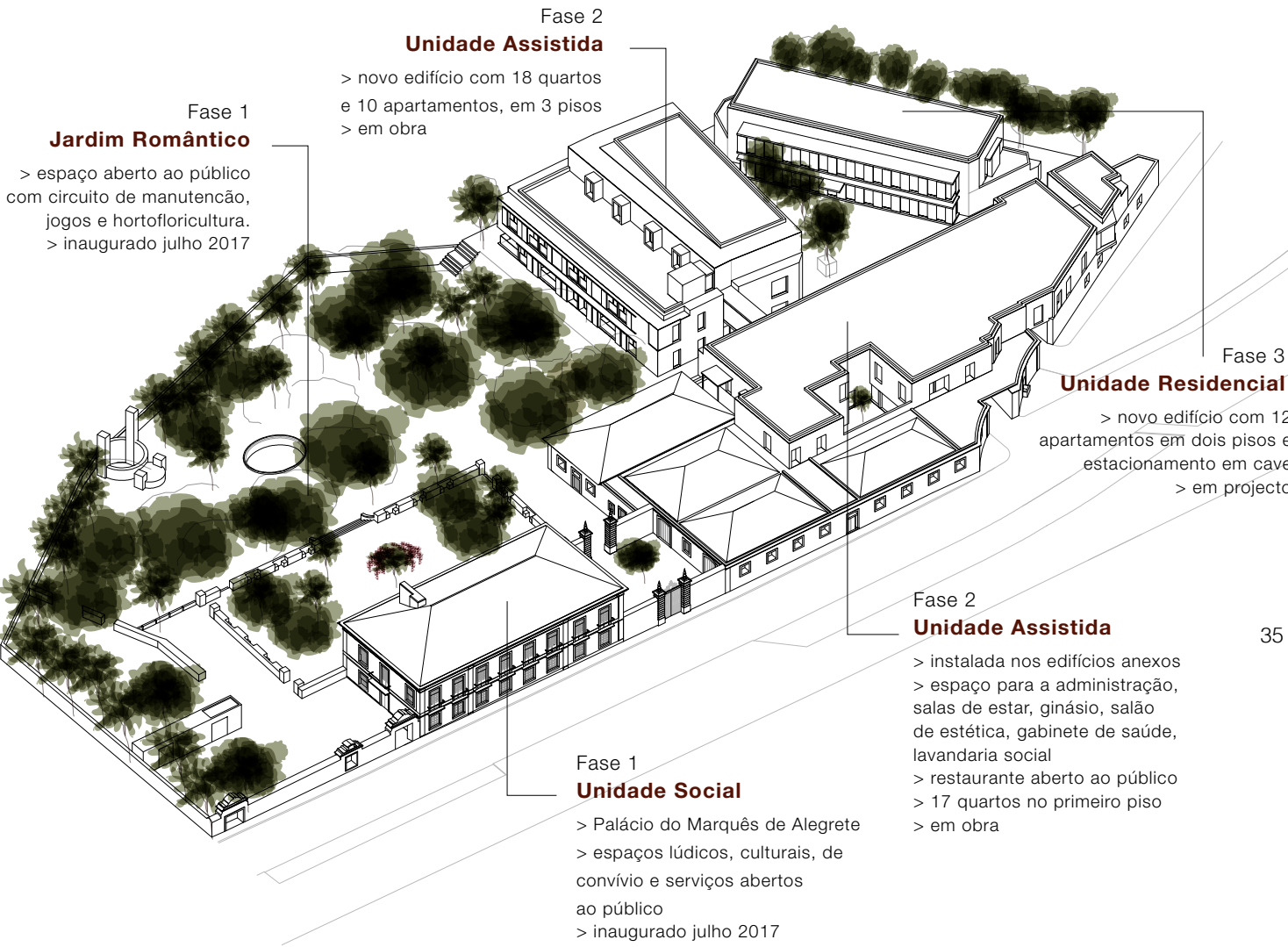
Ao retomar as funções da Quinta de Recreio como um espaço de acolhimento e recepção, este novo equipamento da cidade de Lisboa será parte integrante de um inovador programa no âmbito dos Lares Residenciais de Idosos, apresentando como alternativa o conceito de ponto de encontro entre gerações.

Tendo iniciado a intervenção pela instalação de uma unidade social no Palácio e Jardim, o faseamento da intervenção na Quinta Alegre delineado pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, procura estabelecer um espaço onde uma relação intergeracional entre os mais velhos e os jovens permita garantir uma interacção constante e um desenvolvimento intelectual e social dos seus utentes, evitando o isolamento e exclusão recorrentes na terceira idade.

A segunda fase da intervenção, actualmente em obra, acolherá o núcleo principal da unidade de residências assistidas, com permanência 24 horas sobre 24 horas e uma valência mista intergeracional, beneficiando do restauro do edifificado e proporcionando serviços abertos ao exterior. Parte significativa desta fase resulta da readaptação de ruínas das construções agrícolas de apoio à Quinta, complementada por um novo edifício residencial para os aposentados da SCML, com cerca de 4,500 m2 em quartos duplos e individuais, incluindo alguns apartamentos. A terceira fase, será constituída por um segundo novo edifício, com uma utilização residencial mista, com cerca de 850m2 e estacionamento em cave, promovendo uma dinâmica social e intergeracional, com elevadas expectativas de mútuo benefício.



Este complexo habitacional intergeracional tem assim a ambição maior de permitir a instalação de um equipamento de relevante benefício social, numa lógica de sustentabilidade na manutenção e reutilização do edificado histórico da Quinta Alegre e do seu jardim.



BIBLIOGRAFIA

ALEIXO, Sofia; MESTRE, Victor - "The Palace of Quinta do Marquês do Alegrete: restitution strategies for space, time and memory", A Cidade de Évora. Boletim da Cultura da Câmara Municipal de Évora, Évora, 2016, pp.554-571.<http://hdl.handle.net/10174/20507>

ALEIXO, Sofia; MESTRE, Victor – Exposição “Quinta Alegre, de pessoas para pessoas”. Brochura. Palácio da Quinta Alegre, Lisboa. (4 Jul.17 – Abril 18), 2017. ISBN 978-989-8712-65-3.

ALEIXO, Sofia; MESTRE, Victor – “Património integrado em edifícios históricos: opções éticas e metodológicas em intervenções de conservação e restauro na Quinta Alegre”. Comunicação apresentada no I Simpósio Ibérico 'A cal na arte e no património edificado'. Org. Laboratório Hércules | Universidade de Évora, (19-20 Out.) 2017 (aguarda publicação).

CÂMARA, Maria Alexandra Trindade Gago da, COELHO, Teresa de Campos - “O Palácio dos Marqueses de Alegrete à Mouraria: do Palácio ausente à memória do sítio”, Cadernos do Arquivo Municipal, II Série, volume V, Janeiro-Junho 2016, pp. 81-126.

MATOS, José Sarmento de - “Quinta”, in PEREIRA, José Fernandes (dir.), PEREIRA, Paulo (coord.) - Dicionário da Arte Barroca em Portugal, Ed. Presença, Lisboa: 1989, p.398 e 399.

MESTRE, Victor; ALEIXO, Sofia - Quinta do Marquês do Alegrete: conservação e restauro do palácio e jardim romântico: relatório prévio e memória descritiva apresentados à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 2014.

NAPOLEÃO, Maria Eduarda – “Novo paradigma de habitação para seniores”. Cidade Solidária, nº35, 2016 pp.56-65

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA - Exposição colectiva 'Património com Futuro': participação com os projectos-obras Quinta do Marquês do Alegrete, Edifício na Rua do Duque, Edifício na Calçada de Santana; Galeria de Exposições Temporárias, no Complexo de São Roque, Lisboa, 2015.

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA - Exposição "As Obras da Santa Casa": participação com o projecto-obra Quinta do Marquês do Alegrete; Reabilitação de edifício multi-familiar em centro histórico. Galeria de Exposições Temporárias, no Complexo de São Roque, Lisboa (6 Dez 16 - 31 Jan17), 2016. http://microsite.scml.pt/obrassantacasa/emblematicos/quinta_alegre.html



EQUIPA

Restauro, Reabilitação e Reinfraestruturação do
Palácio e Jardim da Quinta Alegre

Dono de obra:

Santa Casa da Misericórdia de Lisboa

Equipa projectista:

Arquitectura e coordenação de projetos:
Victor Mestre | Sofia Aleixo, Arquitectos Lda.

Restauro:

António Vasques, técnico de restauro

Espaços Exteriores:

Arpas Ida - Luís Cabral com Maria Maltez de Sousa,
Arquitectos Paisagistas

Instalações Mecânicas:

JMFR Unipessoal Lda - José Rosendo, Engenheiro
Mecânico

Instalações Eléctricas:

Nélson Capote, Engenheiro Eletrotécnico

Instalações de Telecomunicações:

Joaquim Alves, Técnico de Telecomunicações

Plano de Segurança e Saúde:

Ana Marques, Engenheira de Segurança

Segurança Contra Incêndios em Edifícios:

Fernando Figueiredo, Engenheiro de Segurança

Estruturas / Águas e Esgotos:

EPO Lda. - Alcides Colaço, Engenheiro Civil

Prospecção arqueológica:

Era, Arqueologia – Conservação e Gestão de
Património SA

Coordenação e fiscalização de obra:

VHM - Coordenação e Gestão de Projectos, S.A. -
Eng. Fernando Crispim

Execução de obra abril 2016 . julho 2017

Signinum, Gestão de Património Cultural Lda.



NOTAS CURRICULARES DA EQUIPA PROJECTISTA

Arquitectura e coordenação

A Victor Mestre | Sofia Aleixo, arquitectos é o atelier de arquitectura de Victor Mestre (1957) e de Sofia Aleixo (1967), em Lisboa desde 1991. A vmsa arquitectos tem desenvolvido diverso tipo de projectos e obras, concluídas ou em curso, de Norte a Sul do País e ainda nas Regiões Autónomas da Madeira e Açores, em Nagoya (Japão), Remexio (Timor LoroSae), Milão (Itália), Angola, Goa (Índia) e São Tomé e Príncipe. Convidada a participar em projectos pluridisciplinares e sendo consultora na área do património cultural, a investigação, projectos e obras da vmsa arquitectos encontram-se publicados internacionalmente, bem como tem divulgado esse trabalho em diversas conferências, em Portugal e no estrangeiro (Espanha, Alemanha, México, Brasil, Colômbia, França, Eslovénia, Inglaterra, Marrocos, Índia e Estados Unidos da América).
Victor Mestre (1957). Arquitecto (ESBAL, 1981). Mestre (Universidade de Évora, 1997). Diploma de Estudos Avançados (Universidade de Sevilha, 2005). Doutorando (Universidade de Coimbra, desde 2011). Arquitecto da Direcção Regional de Monumentos de Lisboa (1994-2000) e Director do Gabinete de Salvaguarda do Património da Direcção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (2000-2003). **Sofia Aleixo** (1967). Arquitecta (FAUTL, 1991). Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica (Universidade de Évora, 2007). Doutorada em architectural conservation (Oxford Brookes University, Oxford, Inglaterra, 2016). Docente na Licenciatura em Design (IADE, 1996-2000) e no Mestrado Integrado em Arquitectura (Universidade de Évora, desde 2002). Directora do Gabinete Técnico de Belver (Câmara Municipal de Gavião, 1999-2001). Mais informação disponível em www.vmsa-arquitectos.lda.

Instalações e Equipamentos Eléctricos; Infra-estruturas de Telecomunicações em Edifícios; Equipamentos e Sistemas de Transportes de Pessoas e Cargas

Eng. Nélson Capote (Licenciatura em Engenharia Electrotécnica: ramo energia e sistemas de potência – Instituto Superior Técnico). Dos projetos realizados destacam-se: Forte de Santa Catarina, Lajes do Pico – Açores; Recuperação e adaptação a museu da Fábrica da Baleia e envolventes, Lajes do Pico – Açores; Recuperação e adaptação a museu do edifício do Real Celeiro e envolventes, Alenquer; Recuperação da Igreja da Ulgueira e envolventes, Colares; Adaptação de edifício e envolventes a Centro de Ciência Viva, Minas do Lousal; Recuperação do Caminho da Fonte Velha em Belver, Gavião; Recuperação da Casa dos Mosaicos, Setúbal; Remodelação e adaptação a habitação de parte do edifício da Igreja da Nossa Senhora do Loreto (ou dos italianos), Lisboa.

Instalações de Segurança

Eng. Luiz Milreu (Licenciatura em Engenharia Mecânica: produção – Instituto Superior Técnico, 1976; Engenheiro Especialista em Engenharia de Segurança, Ordem dos Engenheiros, 1979). Dos projetos realizados destacam-se: Hotel da Lapa, Lisboa; Edifício Grandella II, Lisboa; Enatur - Pousada de S. Miguel, Sousel; Enatur - Pousada de S. Filipe, Setúbal; Enatur - Pousada dos Lóios, Évora; Recuperação do Palácio da Cova da Moura, Lisboa; Recuperação do antigo Mercado, Portimão; CS Palace Belém Hotel (Palácio do Governador), Lisboa.

Climatização

Eng. José Rosendo (Licenciatura em Engenharia Mecânica – Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 1989). Dos projetos realizados destacam-se, na categoria de hotéis e pousadas: Complexo Tivoli, Lisboa; Pousada da Juventude, Bragança; Hotel Faro Ria, Faro; Hotel Monte da Quinta, Almancil; Hotel Turiscaramulo, Caramulo; Hotel dos Patudos, Alpiarça; Hotel Vila Franca Palace, Vila Franca; VIP Hotel, Santa Iria; Hotel Cruz Alta, Fátima; Hotel Fenix Garden, Lisboa; Gran Vip SPA Hotel, Lisboa;

Empreendimento Comandante Gika, Luanda – Angola; Loures Business Park, Loures; Furnas SPA Hotel, Ilha de S. Miguel – Açores; Hotel da Quinta do Furão, Madeira; Hotel do Carmo, Lisboa; Lux Lisboa Parque, Lisboa; Lux Pessoa, Lisboa; Hotel Éborim, Évora; Hotel Palácio da Rosa, Lisboa; Outras categorias: Casa Museu Anastácio Gonçalves, Lisboa; Casa Museu João de Deus, São Bartolomeu de Messines; Herdade da Brava, Mértola; Escola Primária/Jardim Infantil; Pavilhão Polidesportivo; Mercado; Recinto Desportivo do Exterior, Nova Aldeia da Luz; Apartamento Bairro Azul, Lisboa; Ministério da Justiça, Silves; Ministério da Justiça, Alcanena; Minas do Lousal; Palácio Ferreira Pinto Basto, Lisboa; Centro Lúdico, Castelo Branco; Inatel de Portalegre; Recuperação do antigo Edifício dos CTT, Castelo Branco; Restaurante/Cafetaria Torre de Monsanto, Miraflores; Moradia Unifamiliar, Restelo.

Estruturas; Águas e Esgotos

A EPO – Engenharia, Projectos e Obras, Lda., criada em 1978, é uma empresa especializada na realização de estudo e projectos nas diferentes áreas da Engenharia Civil. Em 1987 foi objecto de novo contrato social que se mantém até hoje tendo como sócios-gerentes os Engº Alcides Colaço e Pedro Douwens. Na área da recuperação de edifícios realizou vários projectos donde se destacam: recuperação de uma casa em Leiria para Turismo Rural; recuperação do Palácio Pancas-Palha em Lisboa; ampliação do Terminal de Contentores de Santa Apolónia em Lisboa; recuperação da Igreja de Alcochete; recuperação de dois edifícios em Viana do Castelo; recuperação de três edifícios na Travessa da Paz em Lisboa; recuperação de um edifício de habitação em Sesimbra; recuperação de um edifício na Rua de Buenos Aires em Lisboa; recuperação de um edifício no Príncipe Real Aires em Lisboa; recuperação do castelo de Linhares; recuperação do Hotel Globo em Luanda; recuperação do edifício "Margarida da Praça" em Viana do Castelo; recuperação do Bar/Restaurante "Doca de Santo", em Lisboa; recuperação de um edifício nas Escadinhas do Marquês de Ponte de Lima, em Lisboa; recuperação do edifício na Rua de Buenos Aires, 16, em Lisboa; recuperação de um edifício na Rua Almeida Brandão, em Lisboa; recuperação de dois edifícios na Calçada do Mirante, em Lisboa; recuperação dos Paços do Concelho de Alcanena; recuperação da Quinta Alegre em Lisboa.

Paisagismo

A Arpas, Arquitectos Paisagistas Associados, Lda., é uma empresa dedicada a estudos e projectos de Arquitectura Paisagista. Com extensa experiência nas suas múltiplas vertentes, desenvolve projecto ou planeamento em espaço urbano, rural ou costeiro. Fundada em 1992 pelo Arquitecto Paisagista Luis Cabral, decorre da sua experiência como projectista desde 1981 e conta com um grupo residente de arquitectos paisagistas, estabelecendo parcerias e colaborações com profissionais e gabinetes externos. Dos projectos já realizados destacam-se: Exterior do Museu Memorial aos Refugiados e Cônsul Aristides Sousa Mendes, Vilar Formoso Fronteira de Paz, Vilar Formoso; Exterior da Casa Museu Manuel Arriaga, Horta, Faial, Açores; Exterior do Museu da Indústria Baleeira, São Roque do Pico; Exterior do Forte de Santa Catarina, Lajes do Pico; Envolvente do Forte de S. Neutel, Chaves; Envolvente do Forte de S. Francisco, Chaves; Oito Ruas do Centro Histórico, Chaves; Largo das Freiras, Chaves; Largo do Arrabalde - Ponte Romana - Centro da Madalena, Chaves; Exteriores do Centro Interpretativo das Ruínas Megalíticas de Alcalar.



logo VMSA

PRÉMIO VASCO VILALVA 2017 FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN